

Abstinência sexual: método de escolha na prevenção da gravidez na adolescência?

Guthieres Mendonça Schmitt¹, João Pedro Brandão Wantuil¹, Fábio Fernandes Rodrigues², Regina Mota de Carvalho², Cristiana Marinho de Jesus França².

1. Discente do curso de Medicina do Centro Universitário UniEVANGÉLICA.

2. Docente curso de Medicina do Centro Universitário UniEVANGÉLICA.

RESUMO: A adolescência é a fase da vida em que o indivíduo passa por modificações significativas, as quais refletem no seu comportamento e nas suas relações com o outro e consigo mesmo. O interesse pelo sexo e o início pela vida sexual nessa fase pode ter como consequência a gravidez precoce. Sob esse prisma, a discussão sobre abstinência sexual como forma de combate às altas taxas de gravidez na adolescência vem aumentando acentuadamente com a crescente dos ideais conservadores. Sendo assim, objetiva-se com esse estudo discutir a abstinência sexual como método de escolha para a prevenção de gravidez na adolescência. Utilizou-se como metodologia para a realização do estudo a busca de artigos publicados no período de 2016 a 2020 no Portal de Periódicos CAPES com os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) “Pregnancy in Adolescence” e “Sexual Abstinence”. A partir da análise qualitativa dos estudos, foi possível verificar que a abstinência sexual não é o melhor caminho a ser seguido entre os jovens. Por outro lado, é possível alcançar mudanças de comportamento positivas nesta fase da vida com a efetiva instrução sobre a sexualidade e os métodos contraceptivos mais eficazes. Portanto, assim como infere o Sistema Único de Saúde, respaldado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, Ministério da Saúde, Sociedade Brasileira de Pediatria e Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia, é de suma importância que os jovens e os adolescentes recebam informações e cuidados adequados à saúde reprodutiva. Desse modo, além de adquirir uma boa orientação sobre planejamento familiar, pode-se prevenir uma gravidez precoce e infecções sexualmente transmissíveis.

Palavras-chave:

Abstinência Sexual.
Gravidez na Adolescência.
Educação Sexual.

INTRODUÇÃO

Os adolescentes – indivíduos entre 10 e 20 anos incompletos, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) – representam entre 20% e 30% da população mundial, estimando-se que no Brasil essa proporção alcance 23%. Essa é a fase da vida em que o indivíduo passa por modificações significativas, as quais refletem no seu comportamento e nas suas relações com o outro e consigo mesmo. Entre as transformações biológicas estão as variações no corpo e o desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários em que, normalmente, surge o interesse pelo sexo e o início da vida sexual (SOUZA et al., 2012).

Nesse contexto de início da vida sexual do adolescente, a gravidez precoce se sobressai como problema de saúde em quase todos os países e em especial, nos países em desenvolvimento. De acordo com o último relatório do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), de 2019, a taxa de gravidez precoce no mundo é de 44 nascimentos por ano em cada mil adolescentes de 15 a 19 anos. No Brasil, a taxa de gravidez na adolescência é ainda maior que a média mundial, de cada mil adolescentes de 15 a 19 anos, 62 tiveram um parto. Os partos de mães adolescentes correspondem a 16,4% dos partos que ocorrem no país, ou seja, de cada 6 crianças que nascem no Brasil, uma é filha de mãe adolescente. É importante observar que esses números mostram apenas as gestações que resultaram em partos de nascidos vivos, não estão contabilizadas as gestações de natimortos e as que terminaram em abortos espontâneos ou provocados de forma clandestina (FEBRASGO, 2020).

Em vista disso, diversas políticas e intervenções têm sido propostas e executadas em vários países com a meta de adiar a idade da primeira relação sexual. No entanto, a principal pergunta é como atingir essa meta. Nesse sentido, com a crescente dos ideais conservadores, a abstinência sexual tem sido avaliada como forma de prevenção à gravidez precoce (FEBRASGO, 2020). Portanto, esse estudo tem por objetivo discutir a abstinência sexual como método de escolha para a prevenção de gravidez na adolescência.

METODOLOGIA

O levantamento bibliográfico se constituiu a partir da realização de busca na base de dados Portal de Periódicos CAPES com os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) “Pregnancy in Adolescence” e “Sexual Abstinence”. Foram selecionados estudos que atendessem os seguintes critérios de elegibilidade: (1) artigos de investigação originais, escritos em língua inglesa ou portuguesa; (2) ter sido publicado no período de 2016 a 2020; e (3) estudos que apresentassem discussões sobre intervenções voltadas à redução da ocorrência de gravidez na adolescência. Por fim, 5 publicações foram analisadas em detalhe para melhor extrair e sintetizar as informações contidas no presente estudo.

RESULTADOS

Conforme a Sociedade Brasileira de Pediatria (2020), o início da puberdade cada vez mais cedo contrapõe-se ao intervalo gradativamente maior entre o preparo físico do corpo para a prática da atividade sexual e as responsabilidades necessárias ao exercício da sexualidade. Nesse cenário, segundo Fox et al. (2019), os debates sobre o conteúdo da educação sexual para os adolescentes têm se concentrado principalmente em dois extremos. De um lado, os defensores da educação sexual abrangente e segura. Estes afirmam que os adolescentes devem ser ensinados conforme a idade através de profissionais capacitados a lhes transmitir informações precisas sobre um amplo conjunto de tópicos relacionado à sexualidade. Do outro, há os apoiadores da abstinência sexual até o matrimônio. Estes, por sua vez, argumentam em desfavor do aprendizado sobre a vida reprodutiva e das informações sobre contracepção por acreditarem na possível e inadvertida legitimação das atividades sexuais fora do casamento em idades mais jovens por meio dos instrumentos dessa educação. Logo, os diferentes posicionamentos não homogeneízam o cuidado.

Em vista desse impasse, o presente estudo primeiramente destaca que o financiamento federal norte-americano apenas para abstinência não teve efeito sobre as taxas de natalidade entre as adolescentes em geral, mas apresentou um efeito perverso ao aumentá-las em estados conservadores. O financiamento para prevenção de gravidez e educação sexual na adolescência, por sua vez, eclipsou esse efeito ao reduzir a taxa de natalidade na adolescência nesses estados. Nesse sentido, intervenções fundamentadas apenas na abstinência sexual para a prevenção da gravidez e de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) estão entre as principais características associadas à menor efetividade dos programas (FOX et al., 2019).

Dados observacionais mais úteis para entender a eficácia das intenções de abstinência vêm do exame do movimento de garantia de virgindade no National Longitudinal Survey of Youth (Add Health). Os dados da Add Health sugerem que muitos adolescentes que pretendem ser abstinentes não o fazem e que, quando os abstêmios iniciam relações sexuais, muitos deixam de usar preservativos e contracepção para se proteger (BREUNER et al., 2017). Consequentemente, isso sugere que a falha do usuário em abstinência sexual é alta. Assim, embora que em teoria seja completamente eficaz na prevenção da gravidez, na prática real a eficácia das intervenções que promovem a abstinência apenas até o casamento pode se aproximar de zero. Logo, programas baseados em tentativas de mudanças de comportamento não têm a aderência esperada (SANTELLI et al., 2017).

Além disso, segundo Santelli et al. (2017), essa abordagem não mostrou redução das ISTs. Como resultado, esse tipo de campanha acaba por provocar gastos aos governos que adotaram essa estratégia, sem alcançar resultados efetivos na prevenção da gestação na adolescência e das ISTs. Nesse sentido, em consenso, a Sociedade Brasileira de Pediatria (2020) se opõe à educação exclusiva da abstinência e endossa a educação sexual abrangente que inclui informações precisas sobre contracepção, sexualidade humana e ISTs.

Diante disso, especificamente no que se refere ao início da vida sexual do adolescente, mudanças ocorreram e as questões biológicas, psicológicas e sociais precisam ser consideradas. Sendo que os profissionais que lidam com essa faixa etária sabem, de fato, que essa iniciação ocorre cada dia mais precocemente e que a informação adequada pode evitar a gravidez na adolescência e as ISTs (SBP, 2020). Assim, ao compreender a sexualidade como um evento que aflora na adolescência, é desvelar um universo repleto de desejos, excitações, descobertas e sentimentos. Entretanto, é fundamental, que o tema seja abordado de forma adequada, mediado por uma educação sexual, possibilitando ao adolescente aprender sobre o cuidado com a sua vida reprodutiva e de seu parceiro, oportunizando que possam esclarecer suas dúvidas, medos e desejos (MUNSLINGER et al., 2016).

CONCLUSÃO

A abstinência sexual é avaliada de forma negativa como forma de método contraceptivo universal entre os jovens e adolescentes, visto que ela não engloba adolescentes sexualmente ativos, os jovens que já são pais, os não heterossexuais e as vítimas de abuso sexual. Sendo tal método uma escolha saudável, portanto, apenas para jovens que optaram de forma pessoal e não por uma imposição ou única opção oferecida, pois antes de tudo, a autonomia do paciente deve ser preservada.

Em contrapartida, a educação sexual é avaliada positivamente. Visto que através dela forma-se um jovem com noção tanto da reprodução em si, quanto do seu corpo, das ISTs, do respeito que deve se ter com o parceiro e de responsabilidade e proteção (métodos contraceptivos); de modo a evitar a gravidez inoportuna e contribuir, efetivamente, para a diminuição dos altos índices de gestação nessa faixa etária.

Por fim, ao se tratar de métodos contraceptivos, deve-se fazer uma avaliação individual do que é melhor para o paciente. Sendo assim, a ferramenta que se pode inferir ser eficaz para a questão da gravidez na adolescência é a educação e informação adequadas aliadas a serviços de saúde com profissionais capacitados para atender esses indivíduos da forma como merecem ser abordados e instruídos.

REFERÊNCIAS

BREUNER, C. C. et al. Sexuality education for children and adolescents. *Pediatrics*, v. 138, n. 2, p. e20161348, 2016.

FEBRASGO. Posicionamento da FEBRASGO sobre a campanha de prevenção da gravidez na adolescência “Adolescência primeiro, gravidez depois”. 2020. Disponível em: <<https://www.febrasgo.org.br/pt/noticias/item/939-posicionamento-da-febrasgo-sobre-a-campanha-de-prevencao-da-gravidez-na-adolescencia-adolescencia-primeiro-gravidez-depois>>. Acesso em 02/06/2020.

FOX, A. M. et al. Funding for abstinence-only education and adolescent pregnancy prevention: does state ideology affect outcomes?. *American journal of public health*, v. 109, n. 3, p. 497-504, 2019.

MUNSLINGER, I. M. et al. A maternidade na perspectiva de mães adolescentes. *Revista Brasileira em Promoção da Saúde*, v. 29, n. 3, p. 357-363, 2016.

SANTELLI, J. S. et al. Abstinence-only-until-marriage: An updated review of US policies and programs and their impact. *Journal of Adolescent Health*, v. 61, n. 3, p. 273-280, 2017.

SBP. Abstinência sexual na Adolescência: o que a ciência evidencia como método de escolha para prevenção de gravidez na adolescência. 2020. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/_22302c-DocCient_-_Abstinencia_sexual_na_Adolesc.pdf>. Acesso em 13/03/2020.

SOUZA, T.A. et al. Gravidez na adolescência: percepções, comportamentos e experiências de familiares. *Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste*, v. 13, n. 4, 2012.